

TRADIÇÃO

Grupo de bacamarteiros enriquece cultura popular

Joaquim Júnior

A oração inicial, que simboliza a fé tão presente na vida do nordestino, dá sequência ao ritmo regional e às brincadeiras com o bacamarte. É esta a rotina de apresentações dos Bacamarteiros da Paz do Mestre Nena. Ele coordena o único grupo de bacamarteiros que atua nos dias de hoje no Cariri. Desde que voltou à ativa, o grupo preserva a manifestação cultural que tem no cangaço uma das principais influências para sua existência. As vestimentas de couro se destacam entre as canções entoadas, que só deixam de ser ouvidas com o ribombar característico dos bacamartes.

Foi ainda criança que Mestre Nena teve o primeiro contato com o bacamarte. Ao que consta, a arma chegou ao Cariri com o retorno de soldados após a Guerra do Paraguai, no final do século XIX. Com pouco mais de 60 anos, ele está à frente do grupo do bairro João Cabral, em Juazeiro do Norte. Com a finalização das brincadeiras dos bacamarteiros de Mestre Bigode, que atualmente brinca com manequinho pau, tais manifestações foram interrompidas até o

ano de 2007, quando Mestre Nena e seus brincantes voltaram à ativa.

O grupo, intitulado inicialmente de Bacamarteiros de Zé Lourenço, foi fundado após a vinda da Carroça de Mamulengos à região. A criação se deu junto ao retorno de outras manifestações populares, graças à iniciativa da União dos Artistas da Terra da Mãe de Deus, que tinha à frente a família

de artistas da Carroça. Para o retorno dos bacamarteiros, armas foram encomendadas a um construtor. Sob a orientação dos artistas itinerantes, novos elementos cênicos, musicais e de coreografia foram incluídos.

De acordo com Zé Nilton, contramestre dos Bacamarteiros da Paz, apesar de serem utilizadas armas na brincadeira, ela não incentiva a violência. Pelo con-



GRUPO foi fundando após a vinda da Carroça dos Mamulengos

trário: as músicas, orações e poesias entoadas pregam a paz entre seus principais elementos. Como exemplo, ele cita a Oração de São Francisco, que diz "Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz! Onde houver ódio, que eu leve o amor. Onde houver ofensa, que eu leve o perdão. Onde houver discórdia, que eu leve a união. Ide houver dúvida, que eu leve a fé".

Segundo o contramestre, no grupo, há homens, mulheres e crianças. Por questão de segurança, apenas os maiores atiram com os bacamartes. "As mulheres também atiram porque elas também mandam. Em pleno século XXI, ainda temos muito preconceito. Lutamos contra ele e pela igualdade de direitos", enfatiza Zé Nilton. Como acredita, a participação de jovens nos gru-

pos de tradição garantirão a sobrevivência da cultura no futuro. Para tanto, são necessárias mais políticas públicas e maior valorização das riquezas culturais. "Sempre gosto de dizer uma poesia que meu amigo Carlinhos Babau dizia: 'Um povo sem cultura é um povo sem alma. É como um jardim sem uma rosa, o dia sem o sol e a noite sem a lua', finaliza Zé Nilton. ▶



TRADICÃO E RESISTÊNCIA

COM RAÍZES NA RELIGIOSIDADE E CULTURA POPULAR, O CARIRI É PALCO PARA A MANTENÇÃO DE COSTUMES PASSADOS ENTRE DIVERSAS GERAÇÕES

HAMLET OLIVEIRA
hamletoliveira@opovo.com.br

As manifestações populares fazem parte da região do Cariri como Padre Cícero fez para o processo de formação de Juazeiro do Norte. Entre diversas brincadeiras, o aspecto religioso dos moradores é reforçado e dialoga de forma intrínseca com a cultura cotidiana da localidade. Para quem trabalha ou já viveu na região, a manutenção da cultura popular é fundamental para que a identidade dos habitantes continue sendo reafirmada.

O trabalho para a continuidade da cultura popular depende de diversas áreas. Entre poder público, instituições particulares e sociedade, tudo precisa funcionar em sintonia para que as tradições não cheguem ao fim. Com esse pensamento, o músico e produtor Junú, nome artístico de Geraldo Júnior, leva a tradição que carrega no sangue para diversas partes do Brasil. Filho do mestre da cultura Geraldo Freire, Junú é criador da festa "Terreirada Cearense", que leva músicas autorais do artista e clássicas da cultura popular por onde passa.

Sobre a região do Cariri, Junú credita a efervescência cultural ao clima quase espiritual da localidade. "Sempre teve essa aura de magia, fartura, um lugar encantado. Já na sua origem tem a louvação no meio. A situação do milagre, essa migração de brasileiros de todas as partes, principalmente do Nordeste, intensificou as riquezas culturais ainda mais. Eles vinham da Bahia, Pernambuco, Paraíba, Minha própria família, por exemplo. Minha mãe é do município de Aurora e a família do meu pai é do interior de Pernambuco. É uma cultura serpentejante que não é delimitada pela fronteira dos estados", conta. A afirmação do músico comprova-se ao avaliar os números da região: em junho deste ano, cerca de 20 mil fiéis reuniram-se para a procissão de Santo Antônio, em Barbalha.

MOSTRA SESC

Dentro da Mostra Sesc Cariri de Culturas, o aspecto popular da região é reforçado desde a primeira edição, em 1998. De acordo com George Belisário, supervisor de cultura do Sesc Crato, uma das principais ações da instituição é auxiliar os Mestres da Cultura a estarem em contato direto com a população. Entre os projetos que acontecem no decorrer do ano está o Mutirão Prazer, Sou Tradição, que leva mestres e grupos populares locais a escolas da rede pública e privada dos municípios, para apresentá-los às gerações mais jovens.

"É interessante porque você demonstra o quanto poucos têm acesso a esse tipo de manifestação. Elas percebem que esse tipo de coisa faz parte da sua cultura local. A gente contribui com esse trabalho de formação, para que eles tenham esse momento de aprendizagem informal, consequentemente da sua identidade, pois eles também pertencem ao Cariri. É um momento de troca, de descoberta", explica.

Uma vertente intensa na região do Cariri são os reisados, formados por diferentes grupos. A

prática reúne teatro, dança e religiosidade em uma única apresentação. Junto a isso, outra prática cultural é a produção de cordéis, destaca Belisário. "Temos uma cordeloteca na qual todo mês é lançado um novo cordel, mantida pelo Sesc. Ela possui unidades em Juazeiro do Norte e Crato. Pesquisadores também podem ir ao lugar e alguns dos materiais são distribuídos para bibliotecas da rede pública. No Crato, temos uma parceria com a Academia dos Cordelistas do Crato, e eles fazem a avaliação dos novos talentos."

Por ter participado da primeira Mostra Sesc Cariri, Junú recorda com afetividade sobre o período em que fez parte do projeto, por meio do grupo Dr. Raiz. "Nós nos apresentamos lá com uma estrutura que normalmente a gente não teria no Ceará", fala. Em avaliação de como leva a cultura popular cearense para outras localidades, o artista diz que é importante abordar a ancestralidade, mas manter um olhar contemporâneo. "Não tenho interesse de reproduzir apenas o que era antes, como falas machistas que ocorriam na época", encerra.



REPASSE DO SABER

Passadas de pai para filho, entre irmãos, ou mesmo entre grandes amigos, as tradições culturais do Cariri continuam a se renovar, mesmo com as dificuldades financeiras enfrentadas pelos grupos. Por meio de diferentes linguagens, como reisados, maneiro pau, coco e bandas cabocais, a união de pessoas no Cariri vai além da amizade e passa por aspectos de resistência. Nas mãos dos Mestres da Cultura, o trabalho principal é seguir adiante com o que lhes foi ensinado há tantos anos junto às gerações mais jovens.

No caso de Raimundo Ferreira Evangelista, a identidade do grupo de reisado confunde-se com a própria trajetória. Co-fundador do reisado Discípulos do Mestre Pedro, Evangelista fala que começou a participar da celebração ainda criança, em 1978. Pelo seu perfil brincalhão, desde o começo, ficou na função de patilaco Mateo, que durante a dança é responsável por ser quase um boba da corte.

Conhecido informalmente como reisado dos irmãos, o Discípulos começou em meados dos anos 1990. A intenção era homenagear Pedro, irmão adotivo mais velho e já falecido de Evangelista. Todos os membros originais participaram do reisado de Pedro. Em relação a manter o grupo, ele pondera que as dificuldades financeiras podem pesar no dia a dia, devido à falta de apresentações durante o ano.

Com 23 anos à frente de um grupo de maneiro pau, José Demétrio de Araújo, o Mestre Cirilo, orgulha-se de todos os integrantes serem naturais de Bela Vista, distrito de Crato. A experiência levou-o a expandir as atuações para outros grupos, como o de dança de São Gonçalo e maneiro-pau infantil. Porém, a falta de recursos para produzir os fardamentos dos grupos fez com eles ficassem em hiato, por enquanto. "Para mim, é um prazer formar grupo onde eu moro e forra de lá. Já formei grupo em Monsenhor Tabosa, em Independência, Salitre. E todos mantendo a tradição", fala. Mestre Cirilo conta que repassar o conhecimento é fundamental tanto para que novos mestres surjam quanto para crianças e adolescentes.

Sobre a participação da nova geração, Cirilo conta que é frequente a procura para integrar o grupo de maneiro pau. "tira os jovens da rua, das drogas."





TRADICÃO

TERREIRO, ARTESÃO DO ORIGEM

ORIGINAIS BRASILEIROS

TERREIRO DOS ANICETOS

- Reisado da Vila Padre Cícero
- Côco das Mulheres da Batateira
- Banda Cabaçal São João Batista
- Guerreiro Nossa Senhora Aparecida

TERREIRO DE MESTRE ALDENIR

- Guerreira Santa Madalena
- Maneiro Pau do Mestre Raimundo
- Banda Cabaçal Padre Cícero
- Reisado Nsa. Sra. Das Dores

Dia 12 às 16h

Bairro Seminário

Crato

Dia 13 às 16h

Bairro Villa-Lobos

Crato

Dia 13 às 17h

Bairro

Barbalha

Dia 14 às 16h

Bairro Vila Novo Horizonte

Crato

TERREIRO DE MESTRA MARGARIDA

- Reisado de Congo do Mestre Tico Neves
- Reisado de Congo do Assentamento Olho D'agua
- Banda Cabaçal do Mestre Pedro Elias
- Reisado Flor Noemia
- Guerreiro Santa Joana D'Arc

**TERREIRO DE MESTRA
ZULENE GALDINO**

- Reisado São Miguel
- Guerreiro Mirim Nsa. Sra. Das Dores
- Reisado Mirim do Menino Deus
- Banda Cabaçal Santo Expedito

TERREIRO DO MESTRE CIRILO

- Banda Cabaçal São José
- Reisado dos Franciscanos
- Reisado Manuel Messias
- Reisado São Luis

Dia 15 às 16h

Bairro Bela Vista

Crato

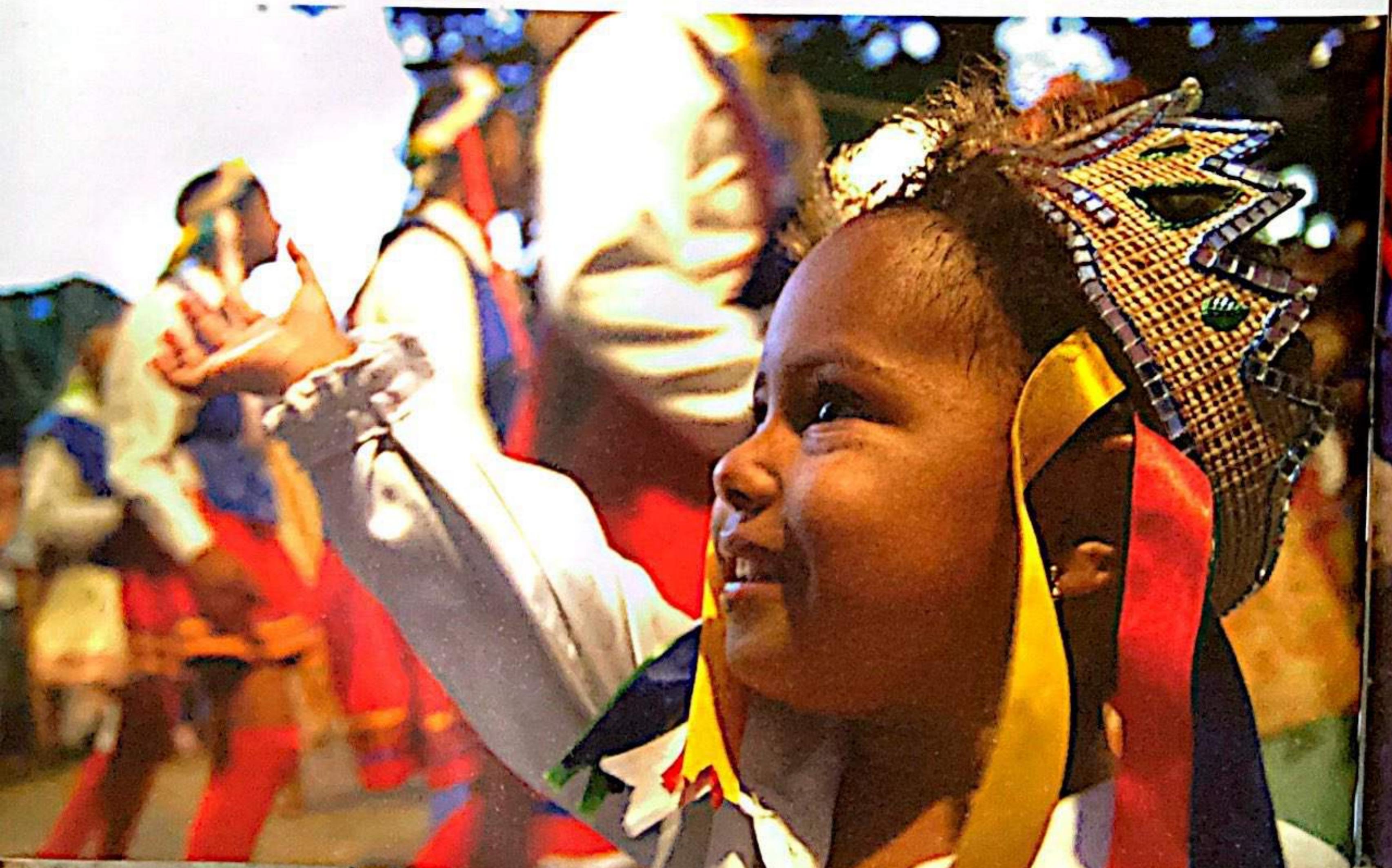
TERREIRO DO BAIRRO JOÃO CABRAL

- Côco Frei Damião
- Reisado Mestre Dedé de Luna
- Reisado São Sebastião
- Banda Cabaçal Santo Antonio

Dia 16 às 16h

Bairro João Cabral

Juazeiro



TIROS E POESIAS



Até hoje ouvem-se tiros em Caruaru (PE) em comemoração à volta dos combatentes enviados à Guerra do Paraguai, encerrada em 1870. Quando chegaram em casa, os pernambucanos que lutaram por quase seis anos contra nossos vizinhos paraguaios usaram as próprias armas para fazer festa e homenagear os que ficaram para trás. Durante o conflito, a espingarda usada era o bacamarte, uma arma pesada de onde saiam tiros grossos. Desde o século XVIII, o bacamarte era produzido artesanalmente nas mais diversas formas e calibres, com diferentes acabamentos e elementos decorativos. O costume foi se repetindo ao longo dos anos, ganhando novos adeptos e outras razões de existir, como a recepção das festas de junho ao som das balas de chumbo estralando no chão do agreste pernambucano.

Como muitas manifestações culturais do Pernambuco, o uso do bacamarte atravessou fronteiras e veio parar no Cariri cearense. Mestre Bigode, hoje com 92 anos, foi um dos primeiros a participar das cerimônias no bairro João Cabral, imitando os batalhões da Guerra do Paraguai, carregando a riúna que soltava tiros pelas ruas da cidade e saudando os santos de junho. José Nilton, que, ao lado do Mestre Nena, comanda os Bacamarteiros da Paz, conta a ideia que teve para que a tradição não desaparecesse: "O que eu mais pensei foi em tirar a violência da arma". Até então, a prática se resumia ao que copiamos dos pernambucanos: como militares, os homens saíam de suas casas vestindo fardas azuis e soltavam tiros. Para amansar o peso da violência, Zé Nilton sugeriu introduzir mulheres no grupo e acrescentar danças e declamação de poesias durante a apresentação que acabaria por se tornar um espetáculo.

Carlos Gomide, o Babau, chegou ao Juazeiro no começo dos anos 80, procurando nos grupos de cultura popular a inspiração para seus espetáculos. Sua filha, Maria Gomide, ainda era pequena quando o pai criou a Barraca da União, que promovia oficinas e apresentações de reisado e bandas cabaçais. "Dessa época, eu lembro de meu pai me levar no pátio da Igreja do Socorro pra ver os bacamarteiros do Mestre Bigode saudando os romeiros no amanhecer do dia 2 de fevereiro, na romaria das Candeias", ela conta. O Carroça



ZÉ NILTON REINVENTA A TRADIÇÃO DOS BACAMARTEIROS NO CARIRI, INCLUINDO DANÇAS E POESIAS NA APRESENTAÇÃO.

de Mamulengos, grupo da família Gomide, voltou a se instalar de vez no João Cabral em 2002, formando a União dos Artistas da Terra da Mãe de Deus. "Não havia mais bacamarteiros na cidade. Essa manifestação estava extinta. Então meu pai encontrou um construtor de bacamartes e encomendou alguns. Foi aí que a brincadeira surgiu novamente", diz. Os integrantes do Carroça então ajudaram na pesquisa para a confecção dos figurinos, na construção cênica das apresentações e na criação das poesias.

Sob a tutela de Francisco Gomes Novaes, o Mestre Nena, o mais velho dos bacamarteiros cearenses, surgiram os Bacamarteiros da Paz. É sem remorso que Zé Nilton diz ter mesmo participado da

transformação de uma tradição, mas por um bom motivo. Além de acrescentar o recital de cordéis, rimas e poesias, o grupo pôs uma bandinha de zabumba, triângulo e pife. "Reinventar a cultura não é fazer colagens", Maria explica, "não acredito que reisado é uma brincadeira de velhos, mas não vejo muito jovem entusiasmado em ser um brincante". Nos anos em que o Carroça de Mamulengos fez do bairro João Cabral a sua casa, os Gomide chegaram a encher o terreiro com mais de 40 crianças brincando reisado. Depois de ter visto o bacamarte voltar a ser usado em Juazeiro do Norte, Maria declara: "A cultura só se perpetua através das gerações se ela tiver significado e tocar o coração de forma profunda". ▀

QUEM TEM MEDO DO JOÃO CABRAL?

POR ALANA MARIA

Estigmatizado pela violência, colorido pela cultura popular e vívido no cotidiano de seus moradores, o bairro João Cabral releva os contrastes e os conflitos de uma cidade interiorana em ascensão.

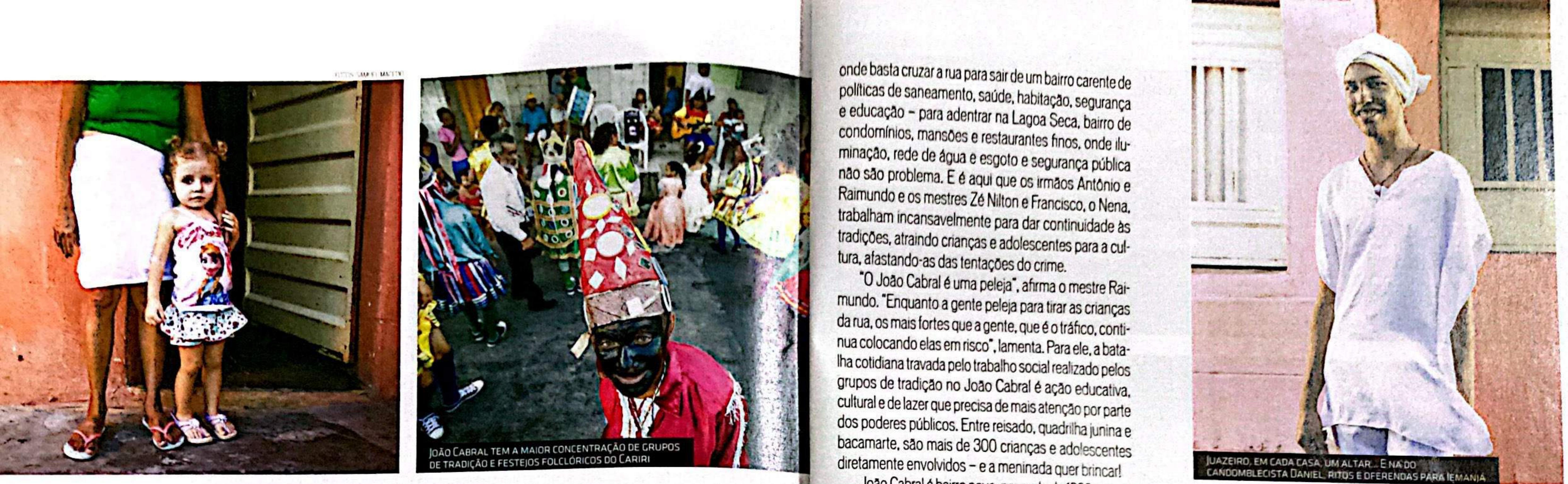
Entre as linhas imaginárias que delimitam geograficamente os bairros Romeirão, Triângulo e Lagoa Seca está o incompreendido João Cabral, um território marginalizado e temido, mas que possui alma tipicamente interiorana, nordestina e brasileira. Suas ruas são desníveladas, as casas têm porta aberta, as calçadas são um infinito sobe e desce – ora degraus, ora improvisadas rampas – e seus moradores ainda dão aquele jeitinho de sentar ali para jogar conversa fora.

João Cabral é, para além do Horto e dos romeiros de Padre Cícero, motivo de jornalistas, pesquisadores e curiosos voarem de São Paulo até o sertão caririense e aqui sacarem suas câmeras e gravadores. Eles ficam maravilhados de espanto com a riqueza cultural concentrada nesta terra esquecida. Apenas nos arredores da Praça do CC, única do bairro, facilmente se contam 10 grupos de tradição que dançam lapinha, coco, maneiro pau, reisado de congo e de couro, bacamarte e demais folguedos. Quadrilhas de São João também existem aos montes, disputando hora de ensaio na quadra comunitária.

Dizer que o Cariri é celeiro de cultura popular chega a ser, de tão repetido, uma afirmação banal. Mas para Antônio Ferreira Evangelista, 56 anos, líder de reisado popular e brincante há mais de 40, a raiz desse pensamento está fincada em uma localidade bastante específica: o bairro João Cabral. "Se o cabra procura



CULTURA É VIDA: FESTEJOS DE RUA ANIMAM O BAIRRO. NA FOTO, JOÃO BOSCO, MESTRE DE BANDA CABACAL E ORGANIZADOR DA TRADICIONAL FESTA DE SÃO LÁZARO



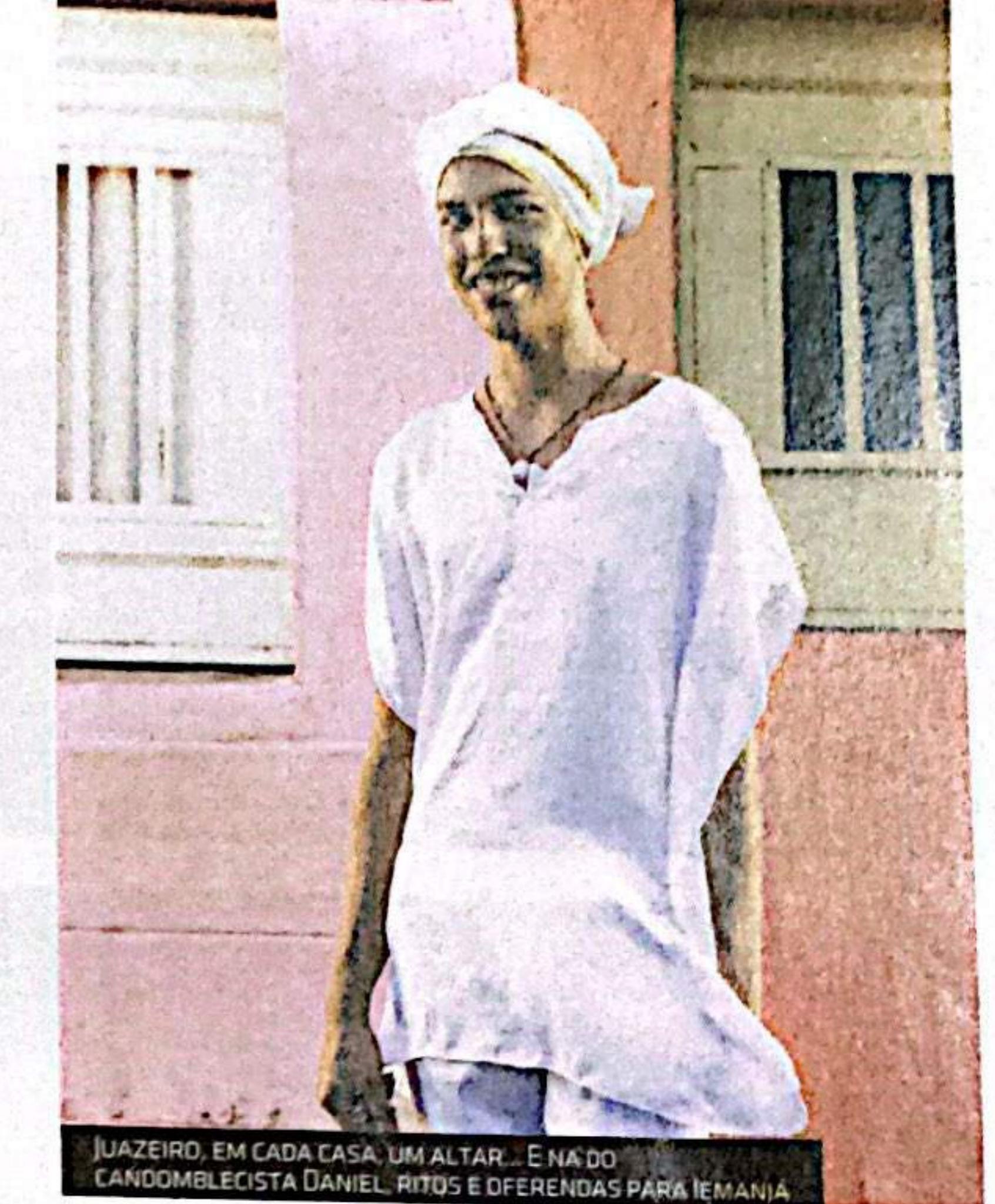
JOÃO CABRAL TEM A MAIOR CONCENTRAÇÃO DE GRUPOS DE TRADIÇÃO E FESTEJOS FOLCLÓRICOS DO CARIRI

onde basta cruzar a rua para sair de um bairro carente de políticas de saneamento, saúde, habitação, segurança e educação – para adentrar na Lagoa Seca, bairro de condomínios, mansões e restaurantes finos, onde iluminação, rede de água e esgoto e segurança pública não são problema. E é aqui que os irmãos Antônio e Raimundo e os mestres Zé Nilton e Francisco, o Nena, trabalham incansavelmente para dar continuidade às tradições, atraindo crianças e adolescentes para a cultura, afastando-as das tentações do crime.

"O João Cabral é uma peleja", afirma o mestre Raimundo. "Enquanto a gente peleja para tirar as crianças da rua, os mais fortes que a gente, que é o tráfico, continua colocando elas em risco", lamenta. Para ele, a batalha cotidiana travada pelo trabalho social realizado pelos grupos de tradição no João Cabral é ação educativa, cultural e de lazer que precisa de mais atenção por parte dos poderes públicos. Entre reisado, quadrilha junina e bacamarte, são mais de 300 crianças e adolescentes diretamente envolvidos – e a meninada quer brincar!

João Cabral é bairro novo, povoado de 1980 para cá por aqueles que não temiam a tal medonha gruta ou não tinham outra saída senão aqui se assentarem. Hoje é mar de casas levantadas pelo esforço exaustivo daqueles que tiveram a pele queimada pelo sol e banhada de suor e que hoje anseiam, sob o teto que construíram, descansar assistindo ao jogo de futebol do domingo. Mestre Francisco Gomes Novais, o Nena, grande nome da cultura popular, é exemplo disso. Morador do João Cabral há mais de 20 anos, encontrou, aqui, lugar para desenvolver sua arte, o bacamarte. "Nunca mexerem comigo e nunca mexeram com a cultura. Existe esse respeito, porque eles [as facções criminosas] sabem que estamos fazendo um trabalho bom, que valoriza o bairro", diz.

Também não se mexe com as religiões – pelo menos não hoje em dia, depois de tanta resistência dos praticantes. É no João Cabral onde mais se abrigam casas de umbanda e candomblé em Juazeiro do Norte. Justamente aqui. Na rua Pio Norões, Daniel Guedes, 19, corre de um lado para o outro em busca dos preparativos para uma festividade religiosa. "Apesar de alguns olhares tortos de quem não conhece e também não faz questão de conhecer a religião, sempre fui bem tratado e me sinto bem, me sinto confortável no João Cabral", revela. Filho de Iemanjá, praticante do candomblé no terreiro de Jagumar, Daniel cultiva com esmero dois altares em casa, um para a rainha dos mares e outro para Santo Antônio, protetor dos pobres.



JUAZEIRO, EM CADA CASA, UM ALTAR... E NA DO CANDOMBLÉCISTA DANIEL, RITOS E OFERENDAS PARA IEMANJÁ

um bacamarte aqui, ele acha. Se o cabra procurar uma lapinha, acha também", dispara orgulhoso, apontando para a rua. É no periférico João Cabral que centenárias tradições culturais de Juazeiro do Norte se organizam, se retroalimentam e descansam.

Bairro de pés descalços, fios emaranhados flutuando sobre as casas com paredes compartilhadas, intimidades reveladas nas roupas à vista, estendidas no varal improvisado, no João Cabral é possível encontrar grandes mestres da cultura popular desfrutando um copo de café passado na hora por suas comadres, sentados nos meios-fios enquanto contam engraçadas histórias de apresentações que fizeram fora dali. Na empolgação do momento, deixam os copos sujos nas janelas alheias, que são lembrados apenas quando a dona da casa dá fé de uma louça faltando.

Morando aqui há 30 anos, o mestre Antônio vê com tranquilidade as mudanças pelas quais o populoso bairro passa. "Aqui era uma gruta medonha de tão profunda, onde tudo que se via era Juremas do outro lado. Não tinha nada. Quer dizer, tinha uma ponte de madeira que os corajosos encaravam de passar. Hoje, a gruta é praticamente uma avenida, e as Juremas deixaram de existir". Conta ainda que, em meados de 1987, quando se mudou para essas bandas o bairro também levava o apelido de

"baixa das almas", pelo ruído que o vento fazia nas árvores, assustando os pastores de cabra que ali trabalhavam.

Mas medo de alma nenhuma assusta mais o mestre que o custo de morar. Antes do João Cabral, morou nos bairros Limoeiro e Franciscanos, mais próximos do centro da cidade, e foi migrando de um para o outro na medida em que o aluguel, fator determinante, aumentou com o passar dos anos e com a relevância comercial dos terrenos. "E do jeito que aqui anda aumentando também, daqui a pouco ele vai morar na 'baixa da raposa', ali perto do Jardim Gonzaga", brinca o irmão Raimundo, também mestre. Antônio reza para que não.

O bairro é, dizem os jovens moradores, dividido em dois. A parte rica das paredes de cerâmica e dos aluguéis a R\$ 500 mensais e a parte pobre, "a favelinha", das ruas que mais parecem paletas de cores, na simplicidade das tão diversas fachadas, que não escondem as precárias condições de vida. Ainda que a dita parte rica continue bastante pobre em infraestrutura básica se comparada aos bairros vizinhos, a disputa por um status de superioridade, seja pela posse que for, existe e é forte, como relatado no trabalho acadêmico coordenado pelo pesquisador Antoniel dos Santos Gomes Filho.

João Cabral é terra de conflitos, contrastes, alto índice de criminalidade, tráfico e prostituição infantil –

Trabalhador, o João Cabral é lugar onde tem de tudo um pouco, evitando, assim, a fadiga das senhoras de chinelos gastos e varizes desenhadas nas pernas de irem longe em busca uma mercadoria qualquer. Oficinas, mercadinhos, verdureões, cabeleireiros, lojas de roupa improvisadas em garagens sem carro a cada esquina. Trabalha-se onde mora e dorme-se onde trabalha. Preguiçoso, o João Cabral também abraça comadres de certa idade que passam o dia nas calçadas forçando a vista em caderninhos de novena ou até mesmo aprendendo com seus netos a enviar uma mensagem de áudio no Whatsapp.

O bairro também é casa de Maria Socorro Rodrigues da Silva, 58 anos, mãe de 11 filhos – dos quais apenas quatro estão vivos, adultos e sadios – e avó de 12 crianças, a quem ela declara com afeto ser "tudo na sua vida". Personagem recorrente nas histórias do bairro, Maria Socorro é conhecida por suas aventuras alcoólicas noites adentro. Nem se orgulha nem sente vergonha de suas noitadas quando mais jovem; prefere contá-las em atmosfera blasé, de pernas cruzadas sobre a cama, que também serve de sofá em sua humilde e pequena casa.

Assentada na rua Senhor do Bonfim, antes morou na rua Farias Brito, e antes mesmo disso morava em Acopiara, de onde veio "fugida mais um bicho velho,



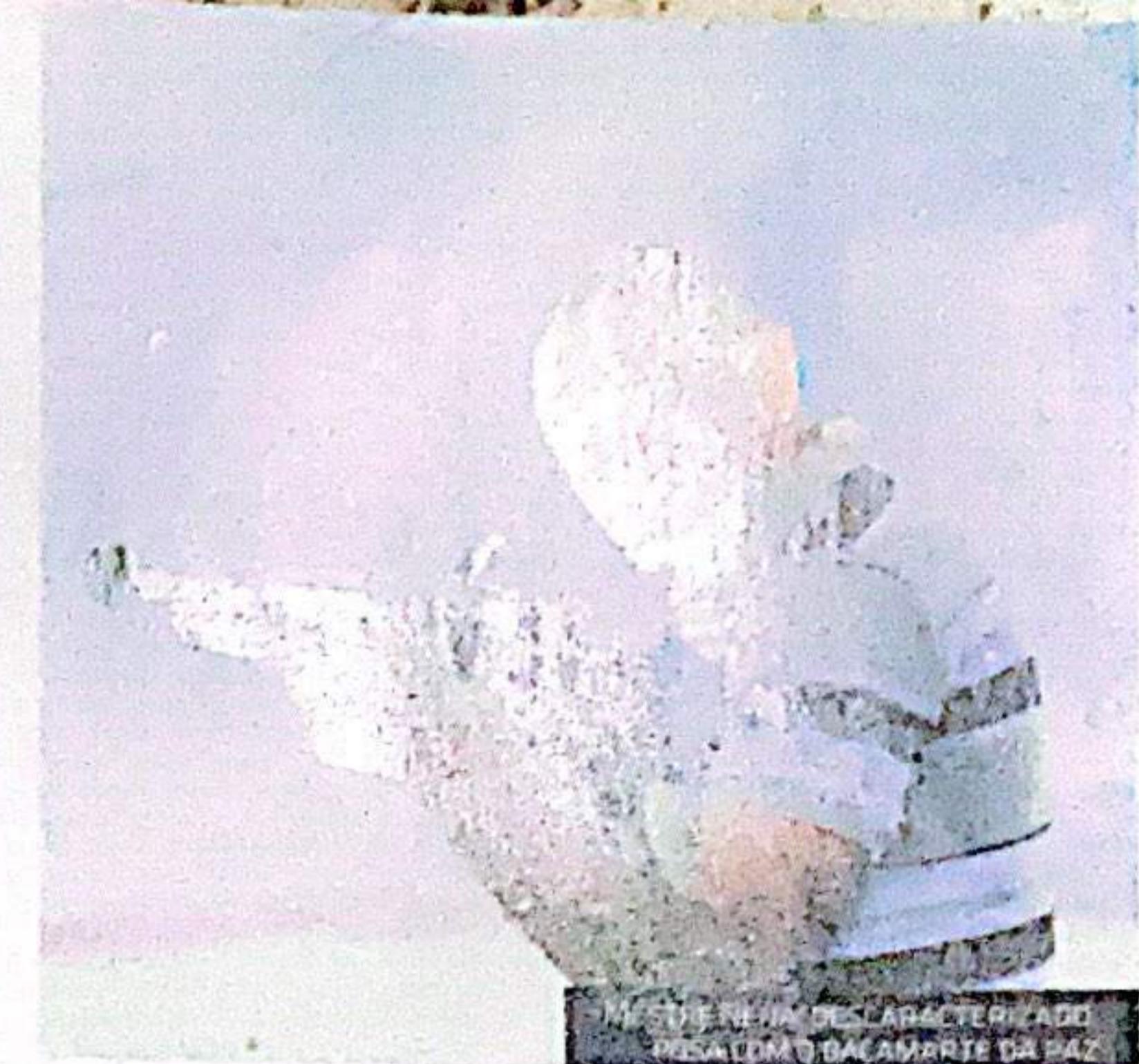
MARIA SOCORRO, BOEMIA, PERDAS E ENCONTROS.



"AQUI A GENTE FAZ E RESPIRA CULTURA",
DIZ BACAMARTEIRO ZÉ NILTON

JOÃO CABRAL, O HOMEM

Conforme conta o historiador Raimundo Araújo, João Cabral de Medeiros não tinha renome quando saiu de Pernambuco e chegou em Juazeiro do Norte. Tinha, na verdade, apenas a pataca de 200 réis que seu padrinho de crisma – nada menos que Padre Cícero Romão – lhe presenteou para começar a vida adulta. Começou sua vida como comerciante, vendendo rapadura e farinha nas ruas. Pelo carisma, fez amizade com figuras importantes, tais como Dr. Floro Bartolomeu, que lhe apresentou ao jogo do bicho, tornando-se o primeiro banqueiro do tipo por essas partes. João Cabral enriqueceu com as apostas, com a agricultura e com o comércio, sob benção do padre. Casou-se com Maria Coimbra e teve um filho, Antônio Coimbra Cabral, que viria a ser um líder estudantil. Morreu 1971, aos 81 anos, recebendo a homenagem póstuma de batizar um bairro.



MISTEREIRO DESCARACTERIZADO
POR ALGUM BACAMARTE DA PAZ



HOMEM OUVE JOGO DO GUARANI EM RÁDIO DE PILHA

que depois mandei embora". Maria Socorro viu as primeiras casas serem levantadas e viu, também, os primeiros bares, estabelecimentos que anos atrás apreciava bastante. "Fui a mulher que mais bebeu cachaça nesse João Cabral, você acredita?", e gesticula com o indicador para cima. "Juazeiro não era de ninguém, era meu. Rodei por todos os bares e bairros dessa cidade sozinha, porque só gosto se for assim".

Virava noites dançando e bebendo sozinha, mas era quando o dinheiro acabava que "virava o diabo". Não lembra as vezes em que foi levada pelos policiais por desordem e, chegando na prisão, surpreendentemente ficava sóbria. "Tá boa, Socorro?", perguntavam os vizinhos nos dias após os virote, preocupados. "Não, eu não tava doente não", respondia ela cheia de graça. E lembra os relatos que ouvia, espantada, sobre osacon-

tecimentos, sem qualquer lembrança deles. "Mulher, tu me esculhambou ontem, tu dormiu na rua, tu caiu na lama, tu avançou em cima do carrinho de picolé."

Por essas e outras ganhou sua fama no bairro, que atribui à pobreza material na qual foi destinada a viver e às barreiras que enfrentou em consequência da falta de estudo e dinheiro. Era continuar bebendo ou viver, então decidiu. Hoje, do alcoolismo, ela promete, está curada. Completaram-se 12 anos desde seu último gole, e assim está melhor. Continua sendo personagem carismática nas histórias do bairro que tanto ama e por quem compra briga com motorista de ônibus e moto-táxi, que voltando do forró de todo domingo em Barbalha, tenta fazer piada dizendo: "A senhora mora no João Cabral? Ave, Maria! Deus me livre! Tenho medo até de passar perto".

XV EDITAL CEARÁ DA PAIXÃO 2019

*Mestres e brincantes na
tradição da malhação do Judas*

Programação



18/04: QUINTA-FEIRA

* Cortejo de abertura
Local: Praça do CC - Bairro João Cabral.
Horário: 09h

* Roda de conversa de cultura popular.
Local: Praça do CC - Bairro João Cabral.
Horário: 10h30

* Oficina de Boneco de Barro - ministrada
pela Mestra de Cultura Maria Cândido
Local: Rua Boa Vista, 55, centro
Horário: 14H

20/04: SÁBADO

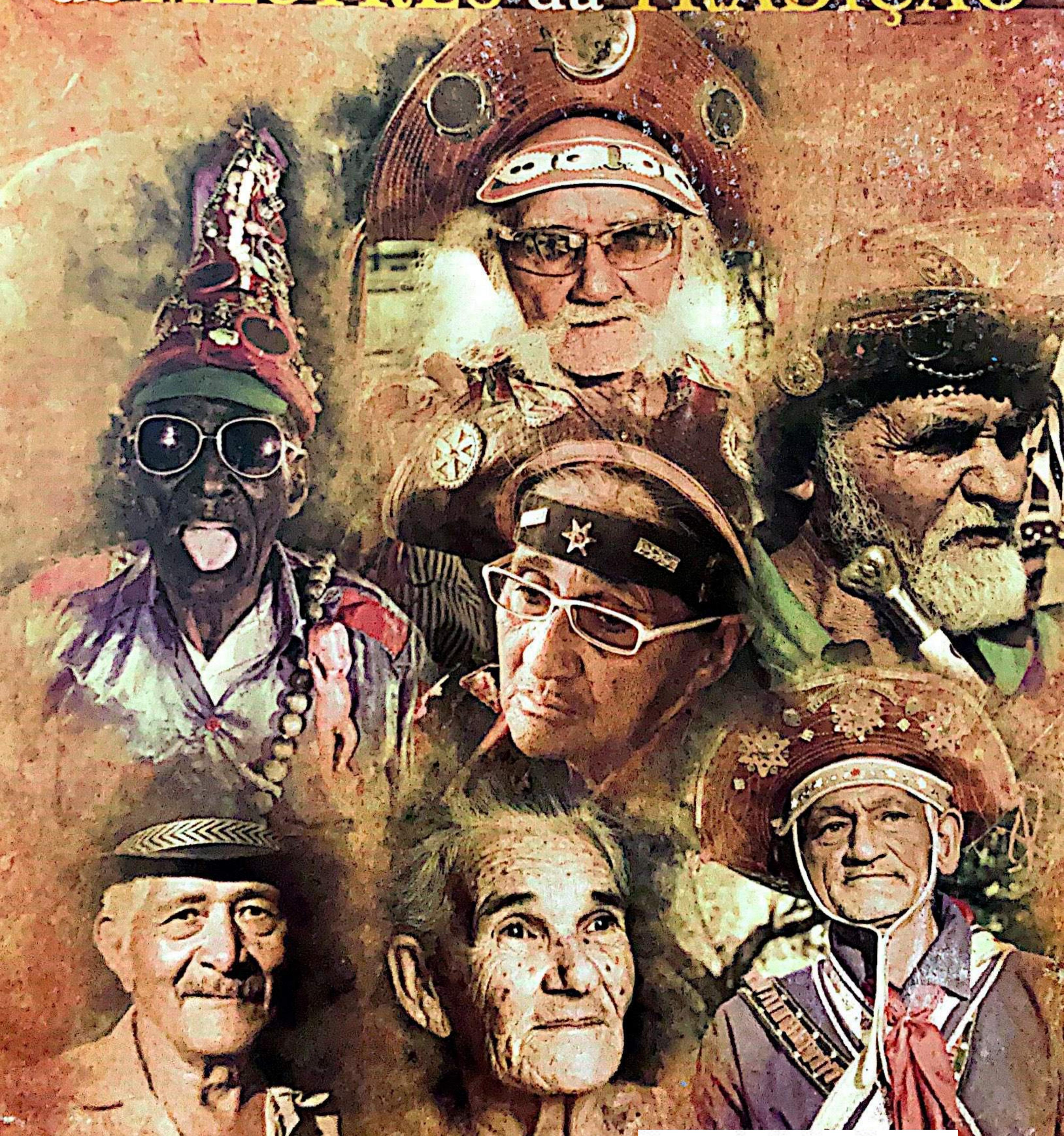
* Apresentações de grupos culturais
Local: Praça do CC - João Cabral
Horário: 18h

* Concurso da carroça mais enfeitada
Local: Praça do CC - Bairro João Cabral
Horário: 16h

* Leitura do testamento e Malhação do
Judas

* Encerramento com forró Pé de Serra

Ciclo de ENCONTROS e Partilha de SABERES de MESTRES da TRADIÇÃO



11 a 14 e 25 a 28 * abril 2016

Centro de Arte, Cultura e Educação Marcos Juciê
Avenida José Sampaio Luz, 327, Juazeiro do Norte, CE

O Encontro é uma das ações do projeto Prospecção e Capacitação em Territórios Criativos e tem por finalidade dar visibilidade à produção dos Mestres e Brincantes de tradição no Cariri, estimulando a vitalidade de suas práticas culturais, a transmissão e partilha de saberes no âmbito intergeracional, bem como o registro das formas expressivas do patrimônio imaterial.

11 e 12 de abril * 08h às 12h

MESTRA VICENÇA

saber: Cantos, Entremeios e Tradições

Vicência Lima Gomes é fundadora do Reisado Cosme e Damião com sede no Bairro Triângulo em Juazeiro do Norte. Seu Reisado mantém a linha da tradição em que o sagrado se imprime nas brincadeiras em louvação à Nossa Senhora das Dores, em procissões, datas festivas do Padre Cícero e renovações do Sagrado Coração de Jesus.

13 e 14 de abril * 08h às 12h

MESTRE CACHOEIRA & MESTRE EXPEDITO

saber: Mateus

Mestre Cachoeira é o mais antigo palhaço Mateus do reisado caririense e grande conhecedor da vivencia dos diversos grupos da tradição, além de exímio repentista e memorialista da tradição popular.



Mestre Expedito é conhecedor da musicalidade das diversas manifestações culturais da região. É pifeiro, Mateus, brincador de reisado e mestre da banda cabaçal Santo Expedito, fundada em 1901 por João Marques de Souza.

25 e 26 de abril * 08h às 12h

MESTRE NENA & MESTRA MARIA
saber: Bacamarteiros

Francisco Gomes Novaes, o Mestre Nena, fundou o grupo *Bacamarteiros da Paz* no ano de 2006. Em suas práticas, vivencia o reisado, a banda cabaçal e o palhaço Mateus.



Mestra Maria é participante do grupo *Bacamarteiro Padre Cícero*, estando ligada à gênese dos bacamarteiros e sua mistica nas festas populares. Vivencia o maneiro pau Padre Cícero, tido como um dos mais tradicionais do Cariri.

27 e 28 de abril * 08h às 12h

MESTRE BIGODE & CONTRAMESTRE ANTONIO EVANGELISTA

saber: Maneiro Pau

Manoel Antônio da Silva, o Mestre Bigode nasceu em Iguatu, vindo em busca de melhores dias para Juazeiro aos 19 anos. Autodidata em relação ao Maneiro Pau, forma um grupo nos anos 60. Logo depois cria o grupo de bacamarteiros que foi extinto pela polícia e reativado em 2008. Casado com dona Maria Cecília da Silva – mestra por excelência – continua a bater o pau e dar tiros para embelezar o mundo.



Antônio Evangelista é contramestre do *Maneiro Pau Padre Cícero*, sendo também cordelista, repentista e músico de vários instrumentos.